

## **“POR UMA VIDA MELHOR”: ABORDAGEM DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO LIVRO DIDÁTICO DE PORTUGUÊS**

Sueilton Junior Braz de Lima (Graduando do Curso Letras/Língua Portuguesa - UERN)  
Maria Leidiana Alves (Professora da Secretaria de Estado da Educação e da Cultura/SEEC/RN )

### **CONSIDERAÇÕES INICIAIS**

As discussões acerca das variações linguísticas presentes no livro didático “por uma vida melhor” da coleção “Viver, aprender” vêm sendo alvo de diversas pesquisas e discussões polêmicas, com analogia ao seu uso em sala de aula, já que o livro traz em seu conteúdo uma abordagem de aspectos linguísticos que divide opiniões. Para os linguistas o aluno pode falar – dependendo do contexto, situação comunicativa empregada – “Nós vai”, já que, de fato, a “aceitação”, o respeito pela linguagem popular ajuda aos alunos das classes desprivilegiadas a se sentirem menos excluídos e, conseqüentemente, obterem uma boa aprendizagem com mais facilidade. Para outros, essas variações acabam impedindo a inclusão social desses alunos, dificultando o aprendizado e figurando como uma “afronta” à língua portuguesa.

Este trabalho é resultado de uma proposta de atividade prática para complementação de carga horária da disciplina de Sociolinguística, cujo objetivo era pesquisar e analisar materialidades linguísticas, vivenciadas nas suas diferentes manifestações de uso social, com base no aporte teórico da Sociolinguística.

Dessa forma, consideramos de grande importância trazer uma análise sociolinguística da abordagem da variação no livro didático, focando principalmente na concordância entre as palavras, uma vez que, de fato, quando não fazemos uso das concordâncias consideramos que estamos falando “errado”, que não sabemos falar o português, e que um dos princípios para a construção de sentidos nos textos/discursos é o uso das normas gramaticas. Com esta finalidade cabe a nós analisarmos, especificamente, a primeira unidade do livro “Por uma vida melhor”, de Heloisa Ramos.

Assim, esse artigo é organizado, no intuito de, inicialmente, tecer uma trajetória dos estudos da variação linguística para o ensino de língua materna, para tanto se faz necessário um estudo teórico embasado nos pressupostos da Sociolinguística e em alguns teóricos como: Alkmim (2007), Bagno (2007), Camacho (2007), Scherre (2005) e entre outros. Em seguida, faremos uma análise do primeiro capítulo do livro que aborda o assunto, com ênfase nas

variações e na concordância entre as palavras, sendo essas: concordância verbal e concordância nominal. Por fim, apresentaremos algumas considerações sobre a análise realizada.

## **A SOCIOLINGUÍSTICA E O ESTUDO DAS VARIAÇÕES**

Resgatando um pouco da história e dos estudos da diacronia do português podemos observar o quanto a nossa língua sofreu e sofre transformações significativas, sejam elas por adequação de uma palavra a outra, sejam pelo simples fato da aquisição de novos dialetos. É nessa perspectiva que surgem os estudos da sociolinguística, em que se procura trabalhar, não somente o uso da língua em si, mas também o seu uso no dia-a-dia. A sociolinguística, subárea da linguística, surge na década de 60 com o intuito de desenvolver uma nova concepção dos estudos linguísticos e tinha como pretensão investigar a “dimensão sócio histórica” (FRANÇA/BARROS, 2012, p.03) de fenômenos linguísticos, ou seja, de casos referentes à variação da língua, mudanças linguísticas na interação entre língua e sociedade.

Nesse contexto, percebemos que a língua não se trata de um sistema homogêneo, tratado como um “quebra-cabeça”, que apenas “aquela” peça única se encaixa e é a única que forma um sentido lógico, percebemos que “a linguagem verbal representa a experiência do ser humano na vida social, sendo que essa não é uniforme” (BRASIL, 2002) e que sofre alterações de acordo com o meio social.

A Variação linguística é um tema bastante polêmico e diariamente discutido dentro dos estudos da sociolinguística, já que, divide bastantes opiniões dos estudiosos em entender cientificamente o processo. No entanto, estudiosos como Alkmim (2007) e França e Barros (2012) ao definirem o objeto de estudo da Sociolinguística, nos mostram claramente que essas variantes são analisadas cientificamente:

O estudo da língua falada, observada descrita e analisada em seu contexto social, isto é, em situações reais de uso. Seu ponto de partida é a comunidade linguística, um conjunto de pessoas que interagem verbalmente e que compartilham um conjunto de normas com respeito aos usos linguísticos. Em outras palavras, uma comunidade de fala se caracteriza não pelo fato de se constituir por pessoas que falam do mesmo modo, mas por indivíduos que se relacionam por meio de redes comunicativas diversas, sendo orientados pelo mesmo comportamento verbal e conjunto de regras. (ALKMIM, 2007, p. 31)

A Sociolinguística considera a variação como objeto de estudo, entendendo-a como um princípio geral e universal, que pode ser descrita e analisada cientificamente, partindo da ideia de que as alternâncias de uso são influenciadas por fatores estruturais e/ou sociais. (BARROS, 2012, p.3).

Dessa forma percebemos que a variação linguística pode ocorrer em todos os níveis da língua, desde o léxico, morfológico, sintático e pragmático, tendo como principal influência três fatores importantes: fator geográfico, social e sociocultural; contribuindo para a diversidade da língua. A diversidade é uma questão bastante pertinente para a variação na língua, principalmente em um país como o Brasil que apresenta influências de várias outras línguas, processo que os estudiosos denominam de “Multilinguismo”.

A sociolinguística nos faz entender que as variações linguísticas não acontecem de forma livre, mas a partir de fatores sociais e linguisticamente dependentes. Os estudos da sociolinguística nos mostram que as variações linguísticas são ligadas intimamente com fenômenos constitutivos da língua, portanto compreenderemos que todo esse sistema comporta regras variáveis de forma heterogênea e que os fatores são extralinguísticos.

Contudo, sabemos que toda língua inclusive o português brasileiro, trata suas variantes de formas específicas e diferentes uma das outras, passando a privilegiar umas e desprivilegiar outras, “na realidade objetiva da vida social, há sempre uma ordenação valorativa das variedades linguísticas em uso, que reflete a hierarquia dos grupos sociais [...] frequentemente, ouvimos falar em línguas ‘simples’, ‘inferiores’ ‘primitivas’.”, (ALKMIM, 2007, p. 39-41), no entanto, os estudos sociolinguísticos nos ajudam a quebrar tais preconceitos e compreender que o “erro” se trata apenas de casos de usos diferenciados dos da norma culta. Todo esse preconceito, além de uma razão social, parte também de um fator principal: as metodologias e práticas usadas em sala de aula no ensino de língua materna, tendo em vista que geralmente os professores apresentam a seus alunos um ensino somente pautado nas normas e regras da gramática normativa do português (português culto), fugindo do seu principal objetivo que é proporcionar ao aluno o desenvolvimento moral e social na sociedade em que vive, (BRASIL, 2002), bem como sua competência linguística.

Com esse ensino direcionado ao tradicionalismo do ensino “regrado”, é que podemos identificar que o aluno passa a compreender que existe apenas uma forma aceita na sociedade, aquela imposta pelo professor na sala de aula, que passa a perpetuar essas regras em seu cotidiano, assim internalizando o preconceito e tornando o aluno cada vez mais decodificador quanto ao ensino de língua materna.

## A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO LIVRO DIDÁTICO

Conforme Dionísio (2005), a língua portuguesa tem ganhado destaque na mídia sendo abordada em diferentes perspectivas: “a daqueles para quem a língua portuguesa está sendo massacrada e exterminada e a daqueles para quem as mudanças ocorridas [...] resultam de fenômenos linguísticos naturais e peculiares a qualquer língua viva”. (DIONÍSIO, 2005, p. 75). Esta constatação explica toda a polêmica que girou em torno do livro didático de Língua Portuguesa “Por uma vida melhor”. Nesse sentido, a variação linguística no livro didático sofre um grande preconceito por parte de alguns professores e pais que indagam que o ensino de língua materna deve ser pautado no “falar certo” e ou no “falar bem”, e que as variações linguísticas – estigmatizadas, vale ressaltar – estariam levando o aluno a “falar errado/feio” e que o dever do aluno em está na escola é simplesmente aprender a falar as palavras de maneira “correta”. Do mesmo modo, há também alguns gramáticos que criticam o uso de livros didáticos que trabalham com a abordagem da variação linguística, pois tratam a língua como uma estrutura de regras, um sistema único e que somente uma forma é aceita para que se determine a comunicação. Nessa perspectiva, elege-se o modelo do correto e do incorreto assumindo uma postura preconceituosa uma vez que vê a variação como um “desvio” da norma padrão, assim, ao contrário do que pressupõe a linguística, pratica-se o que Camacho (2001) chama de modelo da deficiência verbal, em oposição ao modelo da diferença que atribui às diferentes formas de expressão da língua/linguagem o mesmo valor de verdade, de forma que, nenhuma é melhor ou pior em relação ao propósito comunicativo.

Provavelmente, em consequência dessa postura, apesar do salto qualitativo dos livros didáticos após o surgimento do PNDL e da colaboração das pesquisas com a participação de linguistas e educadores, conforme Bagno (2007) o tratamento da variação no livro didático ainda continua problemático. Segundo o autor, um dos principais problemas é o tratamento da variação linguística apenas como sinônimo de variedades regionais, rurais ou de pessoas não escolarizadas. Além disso, e por conta dessa postura em relação a variação linguística, há a exploração de exemplos de variação linguística nas tirinhas do personagem Chico Bento (de Maurício de Sousa) ou numa letra de samba de Adoniran Barbosa ou ainda em um poema de Patativa do Assaré, como se estes fossem representações fieis das variedades linguísticas que eles supostamente veiculam. Concordando com o que defende (BAGNO, 2007, p. 123), acreditamos que, “Se existe algum trabalho pedagógico interessante a ser feito com o Chico Bento, é precisamente o de valorizar as diferenças socioculturais que o personagem tenta

encarnar.”. Além disso, faz-se necessário aceitar a contribuição da Sociolinguística para erradicar o preconceito linguístico, rompendo com o caráter valorativo das variedades linguísticas, trabalhando com o uso real da língua também por parte dos falantes urbanos, conforme propõe o autor.

O que devemos entender é que a variação linguística no livro didático não parte da concepção do “tudo se pode na língua”, mas que na verdade o que se apresenta são exemplos na linguagem culta do português brasileiro, e em seguida a explicação que existe outras formas de se dizer a mesma coisa, como por exemplo, quando dizemos “eu comprei um pastel”, e que em determinado momento também poderemos nos deparar com a frase “eu comprei um pasteis”, e o que podemos observar é que a comunicação se mantém e o significado é o mesmo, compreendemos que ambas as frases tratam da compra de uma única unidade. Como nos alerta Dionísio (2005, p.81) as propostas dos livros didáticos “deveriam levar os alunos a refletirem sobre as variações linguísticas”. Assim, ao invés de simplesmente assumir a postura da “repetição”, conforme prescrição da gramática normativa, deve-se assumir a postura da “reflexão” sobre o uso real da língua, pois como assevera Camacho (2001, p.69):

Conforme os pressupostos teóricos da Sociolinguística, cabe à escola, através do ensino de língua materna despertar a consciência do aluno para saber empregar adequadamente a língua de acordo com cada situação de comunicação e interação verbal. [...] Espera-se que a escola possa ensinar, sim, a norma padrão da língua, porém de forma a acrescentar (e não impor ou substituir) à competência comunicativa do aluno mais uma variedade da língua.

Assim, ao invés de sairmos julgando o que é certo ou errado, melhor seria considerar que há várias outras formas de se dizer algo, e que devemos adequar o nosso discurso a determinadas ocasiões, dependendo do contexto. Compreendemos que a norma culta deve nortear o ensino de língua portuguesa, que ele não necessita ser substituído, conforme Camacho (2001), mas não usa-la como ferramenta de exclusão de outras formas linguísticas marginalizadas dentro e fora da sala de aula.

## **A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E A ABORDAGEM DA CONCORDÂNCIA ENTRE AS PALAVRAS**

Antes de iniciar a análise do livro didático “Por uma vida melhor”, apresentaremos um breve relato dos estudos da variação linguística acerca da concordância entre as palavras, já que, de fato, é o enfoque principal do presente artigo e em seguida faremos uma abordagem desse fenômeno linguístico no livro didático, na tentativa de identificar se o mesmo pode ser considerado coerente, na perspectiva da Sociolinguística.

De acordo com Paschoalin (2010, p.276) a concordância entre as palavras “é a parte da gramática que estuda as relações de número e pessoas entre o verbo e o sujeito, e as relações de gênero e número entre os nomes”, é um dos princípios que ajuda na elaboração de um enunciado e na formação de seu significado como, por exemplo, “O garoto era esperto” podemos identificar que o sujeito “garoto” está concordando com o verbo “era”.

É de grande importância ressaltar que a concordância entre as palavras é tida como uma ferramenta de se falar bem a língua, já que se cria um estereótipo de que quem fala com regimento das concordâncias está falando “certo” (SCHERRE, 2005). Mas, o que podemos observar é que nem todos fazem uso das concordâncias, sendo na oralidade ou na escrita mesmo em textos monitorados, como Scherre (2005, p.129) coloca:

Embora com baixa frequência, observa-se também ausência de concordância verbal com sujeito plural depois do verbo na escrita monitorada, escrita de pessoas escolarizadas submetidas a revisão. Em jornais brasileiros de grande circulação, como já ilustramos, pode-se ler: “Não importa as sucessivas decisões judiciais favoráveis ao pagamento” (Correio brasileiro, 28/11/2001, p.3, c.3).

Podemos observar que a frase em destaque apresenta um desvio da norma culta de concordância verbal, onde se coloca o sujeito plural depois do verbo, não havendo concordância entre eles. Em um primeiro momento, podemos pensar que o uso da concordância entre as palavras está ligado ao nível sociocultural de indivíduo, no entanto, podemos perceber de acordo com o esclarecimento de Scherre (2005, p.129) que a concordância também sofre processos de variação, tanto na linguagem culta, quanto na linguagem de falantes não escolarizados.

## **“POR UMA VIDA MELHOR”: A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E A CONCORDÂNCIA VERBAL E NOMINAL**

Faz-se pertinente destacar que a autora já introduz a primeira unidade do livro “Por uma vida melhor”, argumentando que escrever é diferente de falar, quebrando um preconceito contra o qual Bagno (2007) tanto nos alerta: o de que a escrita não é homogênea, explicando que também existe variação entre fala e escrita, não concebendo a fala como lugar de erro.

Ainda na introdução desta unidade do livro, a autora Heloisa Ramos faz uma pertinente discussão sobre a língua na perspectiva compreendida pela sociolinguística, admitindo que não existe apenas um jeito de falar e escrever e que a língua portuguesa apresenta muitas variantes, sejam de ordem regional, sejam de ordem social, considerando, conforme Alkmim (2011), a natureza variável da língua como pressuposto fundamental e não como desvio ou deficiência em relação à norma culta, como podemos observar:

*Contudo, é importante saber o seguinte: as duas variantes [variedade culta ou norma culta e variedade popular ou norma popular] são eficientes como meios de comunicação. A classe dominante utiliza a norma culta principalmente por ter maior acesso à escolaridade e por seu uso ser um sinal de prestígio. Nesse sentido, é comum que se atribua um preconceito social em relação à variante popular, usada pela maioria dos brasileiros. Esse preconceito não é de razão linguística, mas social. Por isso, um falante deve dominar as diversas variantes porque cada uma tem seu lugar na comunicação cotidiana. (RAMOS, 2012, p.12. Grifos da autora).*

Destacamos aqui a prudente observação da autora em relação ao preconceito linguístico para com a variedade popular, que reflete o caráter social, e não linguístico, de tal preconceito, de tal estigmatização. Esta ressalva já vem sendo feita por estudiosos como Alkmim (2011) e Bagno (2007) ao argumentarem que os julgamentos linguísticos são sempre julgamentos sociais. Desta forma, se a classe social, privilegiada, usar uma forma condenada pela gramática normativa, considera-se que o problema está na gramática normativa; mas se a forma não normativa é usada por falantes de classe social inferior, desprestigiados, então trata-se de “erro” mesmo, de desvio. Neste capítulo, portanto, a autora objetiva aprofundar questões relativas à escrita e à maneira formal de as pessoas se expressarem em português.

Para tanto, entre outros aspectos abordados, destacamos aqui, para efeito de delimitação, a concordância entre as palavras, a qual a autora contextualiza como sendo *uma importante característica da linguagem escrita e oral. Ela é um dos princípios que ajuda na elaboração de orações com significado, por que mostra a relação existente entre as palavras e reforça com um exemplo: Alguns insetos, às vezes, causam doenças fatais à população ribeirinha,* (RAMOS, 2012, p.14), dando ênfase a concordância entre as palavras em destaque.

A princípio, percebemos que a autora segue os mesmos princípios de outros livros didáticos. Trabalhando apenas com a linguagem culta, no entanto, na página seguinte ela deixa claro que a frase apresentada é um caso que ocorre na linguagem culta, enfatizando que na linguagem popular a concordância acontece de outra forma e exemplifica com a frase *Os livro ilustrado mais interessante estão emprestado*. Percebemos que o artigo *os* aparece, no plural, seguido da palavra *livro* que está no singular, havendo um desvio da concordância da norma culta. Para tanto, a autora explica:

*O fato de haver a palavra os (plural) indica que se trata de mais de um livro. Na variedade popular, basta que esse primeiro termo esteja no plural para indicar mais de um referente. Reescrevendo a frase no padrão da norma culta, teremos: “Os **livros** ilustrados mais interessantes estão emprestados”. (RAMOS, 2012, p.15)*

Interessante observar que a explicação da autora para este fenômeno – o fato de na variedade popular a marca do plural está representada pelo artigo – vai ao encontro do que defende Bagno (2007) ao afirmar que nada na língua é por acaso, que existe uma explicação linguística, sociolinguística, uma razão de ser para as variedades em que a língua se apresenta. Assim, de acordo com o fragmento acima, podemos nos perguntar: *Mas eu posso falar ‘os livro’?*, e a autora nos mostra que, sim, no entanto, deixa claro que dependerá da ocasião em que estivermos inseridos e que podemos ser vítimas de preconceito linguístico diante de tal fala. A autora ainda ressalta que tem muita gente que diz o que se pode e o que não se pode falar, o que é “certo” e o que é “errado” na língua e que isso parte de normas gramaticais da linguagem culta, que passa a servir de correção para as variações linguísticas. O falante, portanto, tem que ser capaz de adequar a sua fala a determinadas situações, pois como nos lembra Camacho (2001), faz parte da competência linguística do falante, dependendo dos propósitos do processo de comunicação e do grau de reflexão que faz das formas linguísticas que utiliza, apropriar-se dos estilos: formal ou informal.

Na sequência, temos uma definição de outro tipo de concordância; a que envolve o verbo, observamos que a autora explica que neste caso o verbo, concorda ao mesmo tempo em número, de acordo com a norma culta, já na variedade popular explica que é comum a concordância funcionar de outra forma como, por exemplo, *Nós pega o peixe* e *Os menino pega o peixe*. Diante dessa situação a autora explica que:

*Nos dois exemplos, apesar de o verbo estar no singular, quem ouve a frase sabe que há mais de uma pessoa envolvida na ação de pegar o peixe. Mais uma vez, é importante que o falante de português*



*domine as duas variedades e escolha a que julgar adequada à sua situação de fala. (RAMOS, 2012, p.16).*

*Em resumo, tudo que pode parecer erro é uma forma intencional de usar a língua escrita. E esse uso significa algo. Naturalmente existe um código convencional a ser seguido no registro escrito na norma culta, conforme você estudou na seção 'Para conhecer mais', mas ele não é o único viável [...]. (RAMOS, 2012, p.24).*

Mais uma vez, percebemos que autora, faz uma consideração bastante pertinente sobre a variação apresentada, mostrando que há uma explicação, uma razão de ser para sua ocorrência entre falantes de uma língua viva, em determinadas situações de comunicação, comprovando mais uma vez, como nos lembra Bagno (2007), que nada na língua é por acaso. A autora alerta ainda sobre a importância da competência linguística do falante em saber adequar a variedade de acordo com a situação comunicativa. O que não significa defender, como acusam alguns críticos do livro em questão, que vale tudo, que podemos usar a mesma variedade, seja prestigiada, ou não, em qualquer situação, contexto de uso da língua.

Concordamos que a variação linguística deve, sim, ser abordada no livro didático e, conseqüentemente fazer parte do ensino de língua materna em sala de aula, conforme abordado no livro em análise, já que, de fato, necessitamos conhecer a nossa língua e, não, somente uma parte dela, pois consideramos que o ensino da linguagem culta resume nossa língua e contribui para a propagação do preconceito linguístico. Necessitamos conhecer todas as variantes linguísticas e entender que há várias maneiras de se dizer algo e que o “certo” e o “errado” não passam de desvio de uma determinada estrutura gramatical. Por fim, finalizamos com uma frase de Marcos Bagno (2007), que nos diz que o falante é o melhor gramático que existe, pois acreditamos que a língua não é morta, e que nós somos peça fundamental na construção e evolução dessa língua.

## **FECHANDO, POR ENQUANTO...**

Hoje na nossa sociedade podemos perceber várias atitudes no nosso dia-a-dia que demonstram o preconceito linguístico. Sejam elas, por questões econômicas, geográficas ou socioculturais. Isto acontece em razão de um ensino embasado unicamente nas normas e regras gramaticais, passando, assim, a privilegiar alguma classe ou linguagem, internalizando no aluno a ideia de que só existe uma única forma de comunicação.

As discursões referentes ao livro didático “Por uma vida melhor” de Heloisa Ramos, é apenas uma amostra do quanto nós brasileiros temos esse preconceito já internalizado. O livro traz em seu conteúdo uma metodologia de ensino da norma culta, atentando para a variação linguística, nos mostrando que existem várias maneiras de se falar. Tal proposta gerou uma má interpretação de muitas pessoas e causou bastante polêmica envolvendo professores, linguistas e principalmente a mídia, onde mais se propagou tamanha polêmica. No entanto, cabe a nós professores ou estudantes de Letras buscarmos uma melhor metodologia do ensino de língua materna, viabilizando aos nossos alunos a liberdade de expressão de sua fala, mostrando que o “errado” se trata apenas de uma maneira diferente de uso da língua, em determinado contexto. Assim, contribuiremos para a formação linguística desses alunos impedindo a alienação e o preconceito linguístico.

Consideramos que o livro didático analisado tem objetivo de mostrar que a língua varia, tendo como finalidade também, acabar com o preconceito linguístico na nossa sociedade e ajudar aos alunos de classes desprivilegiadas a sentirem menos excluídos e, conseqüentemente, obterem melhor desenvolvimento em seu aprendizado. Outro fator importante exposto no livro é a maneira como a autora explica os fenômenos linguísticos, a apresentação da concepção de língua enquanto heterogênea, variável, mostrando aspectos do uso da linguagem culta e também da linguagem popular, especificando cada uma e mostrando elementos que ajudam no entendimento do enunciado, considerando as situações específicas de uso da língua.

Por fim, afirmamos que é de grande importância o uso de livros didáticos como este analisado no presente artigo, na sala de aula, trabalhando lado a lado com as metodologias do professor, já que, o livro é apenas uma ferramenta que ajuda nessa práxis, e que é necessária essa parceria para um ensino menos excludente e mais proveitoso, abolindo de vez o preconceito linguístico. Acreditamos, portanto, que “uma das principais tarefas do professor de língua é conscientizar seu aluno de que a língua é como um grande guarda-roupa, onde é possível encontrar todo tipo de vestimenta.” (BAGNO, 2004, p. 130). Alertando-o, conseqüentemente, para o fato de que não usamos o mesmo tipo de vestimenta em ocasiões, situações diferentes.

## REFERÊNCIAS

ALKMIM, T. M. Sociolinguística: Parte I. In: MUSSALLIM, F.; BENTES, A. C. Introdução à linguística: domínios e fronteiras. v.1 São Paulo: Cortez, 2011, p. 21-47.

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico**: o que é, como se faz. 15 ed. Loyola: São Paulo, 2002.

\_\_\_\_\_. BAGNO, M. **Nada na língua é por acaso**: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola Editorial, 2007. p.163-189..

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais**: Ensino Médio: Linguagens, códigos e suas tecnologias/Ministério da Educação. – Brasília: Ministério da Educação/Secretaria de Educação Média e Tecnologias, 2002.

CAMACHO, R. G. Sociolinguística: parte II. In: MUSSALLIM, F.; BENTES, A. C. Introdução à linguística: domínios e fronteiras. v.1 São Paulo: Cortez, 2001, p. 49-75.

DIONÍSIO, A. P. Variedades linguísticas: avanços e entraves. In: DIONÍSIO, A. P.; BEZERRA, M. A. (orgs.). O livro didático de Português: múltiplos olhares. 3. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. p. 75-88.

FRANÇA, Simone dos Santos. BARROS, Adriana Lúcia de Escobar chaves. **A abordagem da variação linguística no livro didático “Português de olho no mundo do trabalho”**. – Campo Grande: Web-revista SOCIODIALETO, vol.2, N°2, 2012.

GOMES, Maria Lúcia de Castro. **Metodologia do ensino de língua portuguesa**. – São Paulo: Saraiva, 2009.

PASCHOALIN, Maria Aparecida. SPADOTO, Neuza Terezinha. **Minigramática Paschoalin & Spadoto** – Ed. Renovada. – São Paulo: FDT, 2010.

RAMOS, H. **Por uma vida melhor**. Coleção Viver, aprender. V6\_un1\_CS4.indd, 2011.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. Doa-se lindos filhotes de poodle: **variação linguísticas, mídia e preconceito**. – São Paulo: Parábola Editorial, 2005.